

EDUCAÇÃO

e a integração do ensino com a aprendizagem

Josefa Gomes Neta
(Org.)



Libellus
Editorial

Conselho Editorial:

Dilaine Soares Sampaio (UFPB)
Elisa Gonsalves Possebon (UFPB)
Fabricio Possebon (UFPB)
Fátima Sousa Lima (UFOPA)
Fernando Pita (UERJ)
Francisco Pegado Abílio (UFPB)
Luiz Gonzaga Gonçalves (UFPB)
Monica Simas (USP)
Sérgio Pereira da Silva (UFG)
Telmo Adams (UNISINOS)
Ricardo Lucena (UFPB)

Capa: Rebecca Carvalho
Diagramação: Frôntis Editorial
www.frontis.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Catalogação na fonte – Libellus Editorial

Bibliotecária Responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

Ed24

Educação e a integração do ensino com a aprendizagem / Josefa Gomes Neta
(org.) – João Pessoa: Libellus Editorial, 2020.
202 p.; 16cm x 23cm.

Bibliografia

ISBN – 978-65-86720-16-7

1. Educação 2. Ensino aprendizagem 3. Ensino – integração I. Gomes
Neta, Josefa. org. II. Título III. Série

CDU 37

CDD 370

Índice para catálogo sistemático

1. Educação 370

Todos direitos reservados. Proibida a tradução, versão ou reprodução, mesmo que parcial, por quaisquer processos mecânicos, eletrônico, reprográfico etc., sem a autorização por escrito.

Libellus
Editorial

Metodologias inclusivas para trabalhar em sala de aula com o aluno deficiente visual

Francisca das Chagas da Conceição Costa

Marta Maria de Oliveira

Adenildo Pereira Guedes

Francisco Geovane Araujo Uchoa

Francisca Maria Bezerra Alves

Cleilson Cavalcante da Silva

O planejamento do professor de uma turma regular que ao iniciar o ano letivo recebe alunos já diagnosticados com problemas visuais, precisa ser feito juntamente com todo o corpo escolar, uma vez que esse aluno é aluno da escola e não apenas daquele professor. É preciso a contribuição de todos para que a escola se adapte para receber com dignidade esse aluno que está chegando. E se ao longo do ano letivo o professor vai percebendo que um ou outro aluno vai adquirindo essa deficiência visual, aí o planejar do professor precisa mudar de rumo.

Quando temos alunos com problemas visuais em turmas regulares precisamos organizar os materiais didáticos com bastante cuidado, para que ao inserir atividades lúdicas eles sejam incluídos de formas naturais e espontâneas, que as brincadeiras influenciem na aprendizagem e especialmente na inclusão de todos. As atividades devem servir para fortalecer os valores dentre eles o respeito pelo diferente, o cumprimento de regras, a generosidade, valorização do outro esses e outros valores contribuirá para a melhoria da autoestima e interação da turma.

Algumas crianças com esse problema de deficiência visual, logo quando chegam à escola às vezes tem receio de mexer em alguns materiais concretos e de manipular determinadas coisas que até então para ele era estranha ao seu cotidiano, aí entra a parte do professor em incentivá-lo para que sua interação com a turma de fato aconteça. Ao manipular os objetos que vão ser trabalhados e confeccionados em sala de aula o aluno vai ganhando confiança e se socializando com os colegas de sala.

Aqui iremos apresentar sugestões de atividades lúdicas que podem ser produzidas em sala de aula e que farão com que os medos sejam superados e as distâncias sejam superadas.

Por exemplo, podemos citar as seguintes brincadeiras e atividades que seguem direcionadas com suas respectivas matérias e sua real finalidade para aprendizagem.

- Brincadeiras em dupla, nas aulas de educação física o professor deve privilegiar as atividades feitas por pares, como peque-pedra; em que as duplas têm que correr para não ser pegas e virarem estátuas. Assim, o colega ajuda na orientação espacial do aluno cego.
- Jogos cooperativos, que também podem ser feitos em duplas, é o caso do jogo pega-bandeira, onde a sala será dividida em duas equipes e as equipes formam duplas, as duplas precisam desenvolver a coordenação motora ampla, a velocidade e a percepção de espaço, estimular a cooperação e a união da equipe; é um jogo de fácil aplicação onde o professor vai utilizar apenas duas bandeiras e cada dupla que chegar ao local indicado pega a bandeira, volta com os olhos vendados toca na outra dupla para que ela der continuidade, ao final vence a equipe que todas as duplas tiverem feito esse percurso primeiro. É um jogo que proporciona aproximação dos alunos, comunicação entre eles, permite o toque entre eles e com isso tenham maior afinidade.
- Caixa mágica, para criar um vínculo de confiança com o aluno o professor prepara uma caixa cheia de objetos do cotidiano como: retalho de pano, pedaços de plástico, perfume, canetas, palha de aço, diversas peças de miniaturas de brinquedos, formas geométricas etc. O aluno com deficiência visual, assim como os demais com os olhos vendados serão convidados a pegar as coisas tatear e descrevê-las oralmente, assim todos sentirão as dificuldades que passam um aluno com deficiência visual, a ideia desse momento é de socialização e também colocar-se no lugar do outro.
- Meu mestre mandou, como sugestão, trabalhar esquema corporal com as crianças solicitando que coloquem as mãos na cabeça, no joelho pescoço, cotovelo, barriga, pés e mãos, essa brincadeira consiste em começar bem devagar depois vai acelerando para aperfeiçoar a agilidade e coordenação corporal.

Através de um contato tácito, onde o professor se propõe a ensinar e os alunos se dispõem a aprender, uma corrente de elos de afetividade vai se formando, propiciando uma troca entre os dois. Motivação, cooperação, boa vontade, cumprimento das obrigações deixam de ser tarefas árduas para os alunos. Interesse, criatividade, disposição para exaustivamente sanar dúvidas, estimulam o professor. Em outras palavras, o papel do professor acaba estabelecendo um jogo de sedução, onde ele vai conquistar a atenção e despertar o interesse do aluno para o conhecimento que ele está querendo abordar. (CODO e GAZZOTTI, 1999, p. 50).

As ideias de atividades lúdicas acima citadas devem constar sempre no cotidiano de um professor que trabalha com turma que tenha aluno especial, ou não, mas quando se trata desse público que necessita dessa atenção prioritária precisa

ser atividades voltadas para a inclusão, para o respeito e para a valorização do outro como algo singular do qual a lei lhe assegura. Uma boa escola e um bom professor estão sempre buscando novas metodologias para o processo de inclusão em seu ambiente escolar, para que não se torne apenas um lugar que insere, mas que de fato inclua.

Algumas adaptações do espaço escolar para inclusão do deficiente visual

A deficiência visual atinge 1% da população brasileira segundo a Organização Mundial da Saúde. O deficiente visual enfrenta inúmeros obstáculos no dia a dia como dificuldade no acesso a informação, educação, cultura e um dos direitos básicos de qualquer pessoa o de se locomover, para solucionar a questão a acessibilidade entra em cena para ajudar os deficientes visuais.

A lei 13.146/ de julho de 2015, que trata de todos os tipos de inclusão e define os direitos fundamentais para pessoas com deficiência, garante o acesso, a informação, comunicação e a justiça, não se trata de uma lei apenas para deficiente visual, é uma lei que assegura os direitos a todos os tipos de deficiências, e claro a deficiência visual também está contemplada nesse processo.

A pessoa com deficiência visual não pode ser mais ignorada pela sociedade e pelo Estado. Nas escolas há algumas formas de integrar os alunos com deficiência visual, os alunos podem ser acompanhados desde os anos iniciais, fazendo com que o aluno se adapte bem ao espaço da escola, e para isso as escolas recebem alguns recursos do governo para que proporcione essa acessibilidade aos alunos com deficiência visual ou qualquer outro tipo de deficiência.

Com a lei brasileira de inclusão, que assegura a oferta do sistema educacional inclusivo em todos os níveis e modalidades de ensino como também a adoção de projetos pedagógicos que podem favorecer a aprendizagem do aluno, de acordo com Le Boulch, diz que:

A criança estará pronta para o processo de ensino – aprendizagem, desde que sejam respeitadas suas fases naturais de desenvolvimento. O uso de matérias e recursos deve se caracterizar pelo envolvimento dos alunos em uma situação de aprendizagem ativa (Le Boulch 1992 p.71),

Amostragem de espaços físicos de escolas que de fato tem acessibilidade para os deficientes visuais e os cadeirantes.

A primeira gravura mostra o interior de uma sala de aula de ensino regular que tem uma aluna com deficiência visual e define como devem ser adaptadas as carteiras.

A segunda gravura que segue, mostra uma rampa de acessibilidade de uma escola que também pode se adequar a qualquer outro ambiente público.

A terceira gravura mostra uma aluna com deficiência visual circulando livremente no interior de uma escola que lhe oferece essa acessibilidade, atenção e respeito

As escolas precisam ser adaptadas para o acesso aos deficientes visuais, colocando rampas para que os alunos cheguem sem dificuldade até as salas de aula, as portas precisam ser adaptadas para garantir a passagem de uma cadeira de rodas, além disso, devem aderir ao piso tátil, que são placas de alto relevo fixadas no chão, para que possam se locomover e tenham autonomia. Se as escolas cumprirem o que determina a lei tudo se acomodará para o bem de todos. Os deficientes visuais precisam ter acesso ao material didático em diferentes versões, com letra ampliada e versões em áudio ou Braille. Como é sabido que há programas em computadores de conversão de texto em áudio e interface de uso para cegos. Com essas melhorias no ambiente escolar e de sala de aula tanto o aluno com deficiência visual aprende com autonomia como o aluno que não tem deficiência visual aprende com o diferente, onde as diferenças se encontram, se respeitam se ajudam e compartilham vida e saberes.

Um trabalho dessa magnitude é inconclusivo, porque os recursos metodológicos, tecnológicos, humanos e outros mais surgem a todo instante e suas utilizações e eficácias na vida do aluno com deficiência visual vai depender de quem o aplica, assim também como vai depender do aluno que o recebe, do que ele almeja para sua vida, quais são seus sonhos, suas realidades e suas aspirações. Como também depende da família da qual ele vem, se o incentiva para que ele seja independente e realize seus objetivos e sonhos ou se é o inverso se a família o faz um ser dependente em tudo.

E o universo escolar? deve receber esses alunos dando plenas condições adaptáveis, sociais e intelectuais para que ele chegue na escola e se sinta deveras incluído e socializado sendo de fato mais aluno da escola, porque o antes a escola já fez, que é a preparação de pessoal e física da escola e da sala de aula para receber esses alunos; porque se tudo não for preparado com antecedência e depois do ano em curso for dando o famoso "jeitinho", a medida que a necessidade gritar, então, não terá inclusão e sim apenas inserção. E estamos falando de gente e sociedade que está sempre em evolução e conquistas por algo melhor que a acomode melhor no meio que ela precisa estar.

E para melhor qualidade de vida, educacional e social dessa clientela, foram surgindo recursos tecnológicos e institucionais que estão a cada dia vem sendo melhorados e aperfeiçoados inclusão dos mesmos, inicialmente surgiu a máquina Braille; reglete de mesa e de bolso, que com o auxílio de um perfurador produz a escrita manual em Braille; máquina de escrever com tipos ampliados; o sorobã (para cálculos); o computador que através de uma caneta a laser ler qualquer texto

e o transforma imediatamente em palavras faladas decodificando imagens visuais em imagens acústicas; o uso de gravador para o registro de aulas; lentes de aumento; livros ampliados; sinais táteis para marcações numéricas em sala de aula; bengalas eletrônicas; cão guia; leitor digital; celulares com tela em alto relevo em Braille etc.; todas essas inovações e muitas outras que existem e que ainda virão só terão real utilidade nos ambientes escolares e sociais quando a interação humana também acontece, para que não fique apenas em conquistas tecnológicas inacessíveis a maioria desse público alvo que já foi tão negligenciado, que a principal busca por essas conquistas tecnológicas seja, de fato para propiciar um ensino de qualidade aos alunos com deficiência visual e para a inclusão dos mesmos de maneira profícua nas escolas e conseqüentemente na sociedade que é uma extensão direta da escola.

Sabemos que nossos docentes precisam de capacitações específicas para trabalhar com essa clientela, especialmente quando incluídos em salas regulares, é necessário que eles sejam bem orientados de como se trabalhar com esse processo de inclusão na escola e como prepará-los para o meio social. Para que o professor seja o mediador do conhecimento que o aluno com deficiência visual precisa para seu crescimento intelectual dentro da escola é o impulso que ele precisa para ao sair da escola ser o profissional que a sociedade necessita.

Referências

- BRASIL. Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 dez. 1996. Disponível em URL: Acesso: 07/10/2019.
- CODO, Wanderley; GAZZOTTI, Andréa Alessandra. Trabalho e afetividade. In: CODO, Wanderley (Coord.). Educação: carinho e trabalho: Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da Educação. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.
- <https://www.google.com/search?q=ilustra%C3%A7%C3%A3o+de+escola+e+sala+de+aula+para+deficiente+visual>: Acesso: 07/10/2019.
- <https://www.google.com/search?q=ibge+graficos+com+dados+de+alunos+deficientes+visuais> Acesso: 07/10/2019.
- LEITE, Maria Ruth Siffert Diniz Teixeira; SILVA, Glicélio Ramos. Inclusão da pessoa com deficiência visual nas instituições de educação superior de belo horizonte. Trilhas Pedagógicas 99 Trilhas Pedagógicas, v. 5, n. 5, Ago. 2015, p. 80-99 Disponível em: Acesso em: 20 fev. 2013.